

HISTÓRIA ORAL - Prof. Marcos Alvito

As três modalidades de história oral – de vida, temática e tradição oral

Obs: Os trechos de entrevista são material inédito ainda não publicado; pede-se não citar nem divulgar

I. História oral de vida

Definição: *“narrativa do conjunto da experiência de vida de uma pessoa”* (MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.2.ed.p.45)

“Exemplo”: Líder religiosa de uma igreja neo-pentecostal em Acari, 31 anos
(Entrevista realizada por M.A. em 14/5/1996, na própria Igreja)

[... era a senhora falar rapidamente da onde a senhora nasceu, como é que a senhora foi criada, quem eram seus pais e como é que pela primeira vez a senhora se interessou pela religião, como é que foi isso.]

Entrevistada: “Marcos, eu nasci lá em Vila Kennedy, na rua [?] número 20, número 20. Eu nasci em casa mesmo, não nasci no hospital, eu sou a filha mais nova e tenho 5 irmãos, comigo são cinco, eu sou a mais nova, o outro já partiu, o mais novo, e na minha casa só quem é cristão sou eu e mais ninguém. Eu fui levada pra igreja com seis anos, tinha seis anos nesse tempo quando eu fui pra igreja. Eu não fui levada pelos meus pais, meus pais não eram cristãos, fui levada por uma senhora da Igreja Congregacional, uma igreja que tem lá em Vila Kennedy, ainda tem essa igreja, e essa senhora se chamava Dona Juventina. Eu achava bonito ela pegava aquelas crianças todas na rua, escola dominical, né que se chama, se chamava, e eu comecei, como diz, naquela coisa toda de criança, gostava muito, fazia muita bagunça na igreja, às vezes eu virava até banco da igreja, criança, né, com seis anos. Eu me lembro como se fosse hoje. E dali eu comecei. Aí as meninas foram se formando, foram ficando mocinhas também. Mas as minhas irmãs também iam com gosto pra igreja, a turma daquelas crianças toda. E dessas crianças só quem escapou assim que ficou mesmo até hoje na Igreja, né, foi eu e mais duas moças, que hoje seguiram outros caminhos, outras igrejas, que é a Tânia e Janete. E eu fiquei, mas eu fiquei nessa Igreja até os doze anos, porque só tinham pessoas de idade lá, né, então eu não sei, com doze anos, vi as coisas assim mais clara na minha mente aí senti um desejo assim de fazer algo para Deus. Entendeu? Com doze anos. Então eu dizia que queria ser uma missionária, eu não dizia pastora, eu dizia que queria ser uma missionária, desde os meus doze anos. Que eu queria ser uma missionária, que eu queria fazer a obra de Deus. Entendeu? Mas aí eu não entendia nada. Não tinha assim aquela sabedoria dentro da palavra. Eu pensava que ser uma missionária era só chegar ali na frente, pegar o microfone, lê um versículo da Bíblia, e pronto, acabou. Mas conforme a gente vai crescendo, né, assim, espiritualmente dizendo, na palavra, não é nada daquilo, a gente tem que estudar, né, entrar bem na palavra de Deus. Então para ser uma missionária não é só chegar ali na frente e falar, tinha que descobrir se eu tinha mesmo um chamado de ser uma missionária. Eu te falei, se eu tinha mesmo o chamado de ser escolhida de ser enviada a um lugar, né, ser uma missionária mesmo. Daí que eu fui descobrindo como. Eu tinha um pastor chamado pastor Marcos, aliás missionário Borges, hoje ele tá pra São Paulo, ele dizia pra mim assim: ‘Ah, você vai ser uma grande missionária, você tem o chamado.’ Eu ficava toda boba, né? Eu vou ser missionária como? Ele dizia: ‘O tempo, o tempo vai dizer.’ Aí começou a me dar oportunidade na igreja, pra mim pregar, eu não entendia nada, falava tudo gaguejando, tremia muito. Nisso eu falei assim: se a gente quer algo a gente tem que se lançar, né, a gente tem que se esforçar. Nesse momento eu comecei a me lançar, comecei a me esforçar, né, comecei a estudar. Foi aí que Deus começou a fazer uma obra na minha vida, sabe, aí quando foi com dezoito anos fiz um ponto de pregação, ponto de pregação é o início pra você ter uma Igreja, né. Entendeu? É o início. Então o que é que eu fiz? O ponto de pregação lá no [morro do Sena?] perto do presídio de Bangu 1. Aquela coisa toda, né, nesse tempo não tinha ônibus lá pra dentro e lá era difícil, aquele matagal todo, até mesmo eu já arrisquei muito a minha vida, assim, atravessando rua, bêbados me seguindo, né, eu ter que voltar do caminho, bêbados me seguindo. Teve uma vez que um bêbado me seguiu tanto que eu tive que voltar pra trás, e atravessar ali em frente a Fiat, não tem a Fiat ali em Vila Kennedy? Eu atravessai ali, né, que tem uma entrada pra ir pro Guandu, eu atravessai ali, conforme eu atravessai o bêbado também atravessou, quando chegou na pista de subida para a cidade, de descida pra cidade, veio uma Kombi e pegou ele e matou ele, levantou ele alto. E eu fiquei preocupada. Os moradores lá viram, né, e eu fiquei preocupada com aquilo, fiquei com aquele negócio na minha cabeça. Falei: Meu Deus, se eu não tivesse atravessado o

homem ali tinha me agarrado, que ele tava com a intenção, ele estava bêbado, eu falei assim: meu Deus, aí os moradores, não fica preocupada não, a senhora não tem culpa, que não sei o quê, aquela coisa. Sempre as pessoas me chamavam de senhora pelo procedimento, né. E nisso foi aquela coisa toda e eu fui pra igreja, encontro de pregação, nervosa. Meu Deus, eu matei um homem. Ai meu Deus, se eu não tivesse atravessado, olha só. Naquele momento eu poderia muito bem desistir de tudo. Talvez você não entenda, né, mas não sei se o Vanderley entende. Profecias, em nome da profecia. A mulher que nunca me conheceu, deu uma [?] pra mim. Eu tava nervosa naquele dia. Mas também não demonstrei nervosismo pra ninguém, eu posso tá com algum problema, mas eu não chego na frente do culto pra mostrar nervosismo. E eu peguei, naquele dia tava ligada ali, orando a Deus, e uma profeta [?] ela pra mim, uma senhora da Assembléia de Deus, dizendo que não era pra eu me preocupar que ele tinha me dado um livramento naquela noite. Eu não ia saber de nada. E naquele dia eu comecei a chorar. Eu falei : meu Deus aquela mulher não sabe de nada, como é que ela descobriu isso? Novinha, foi a primeira profecia. Meu Deus, a mulher não sabe de nada, não tava comigo nem nada, eu tava sozinha, o quê que aconteceu? Eu fiquei aliviada. Depois que acabou a reunião, eu cheguei perto dela, vem cá, o quê que cê tá sabendo? Não, Deus me mostrou que você passou por uma prova agora, um minuto antes de chegar aqui, tava numa perseguição, um homem tava perseguindo a senhora e a irmã pensou que tinha feito, que tinha matado o homem, aquela coisa toda. Aí eu fiquei mais aliviada, bom é a primeira prova que eu passei, eu poderia muito bem parar por ali. Tá entendendo? Foi aí que comecei (...)"

II. História oral temática

Definição: *“Por partir de um assunto específico e preestabelecido, a história oral temática se compromete com o esclarecimento ou opinião do entrevistado sobre algum evento definido”* (MEIHY, *opus cit.*, p.51)

Exemplo: **O samba segundo dirigentes da Velha Guarda da Portela (Seu Marinho,66 - diretor; Seu Luis,65; Seu Vieira,74 – presidente)**

(Entrevista realizada por M.A. em 25/9/1999, na Portelinha, atual sede da VGP)

"O samba, antes dessa evolução toda, cada bateria de escola de samba batia prum orixá de candomblé, a batida era igual a um atabaque de candomblé. Vou te dar um exemplo: na Portela, quando a bateria era, sem ser isso que é hoje em dia, a bateria, o toque da bateria, a batida da bateria, era de Oxóssi, e assim sucessivamente. Cada escola, tinha sua batida pra um orixá. O samba veio da África prá cá. Até isso. Valorizam ? Não. Porque é negro etc. O samba, ele é um lamento negro. E na língua africana era *semba* O nome é *semba*, na língua africana, nas nações africanas, e o samba é um lamento negro. É um lamento de sofrimento. O samba nasceu na senzala. É que nem aquele samba do Candeia. O samba nasceu na senzala" Obs: O trecho em questão é a transcrição de uma fala de **Seu Marinho**.

III. Tradição oral

Definição: *“trabalha com a permanência dos mitos e com a visão de mundo de comunidades que têm valores filtrados por estruturas mentais asseguradas em referências do passado remoto (...) Ainda que a tradição oral também implique entrevista com uma ou mais pessoas vivas, ela remete às questões do passado longínquo que se manifestam pelo que chamamos folclore e pela transmissão geracional, de pais para filhos ou de indivíduos para indivíduos”* (MEIHY, *opus cit.*, p.53)

Exemplos: **pesquisa sobre histórias “fantásticas” (de lobisomem, almas de escravos, mulher do latão, mula-sem-cabeça etc) contadas em favelas cariocas; tradição oral acerca da libertação dos escravos em comunidades negras (família que se reúne para tal propósito no 13 de maio – entrevista de Benedita da Silva à revista *Bundas*, n.56, 11/7/2000); a tradição oral também pode ser transmitida pela música)**